



arquitetura

+ design
+ paisagem
+ engenharia

à conversa com
Álvaro Leite Siza Vieira

Cândido Chuva Gomes
Jaroslaw Kozakiewicz
TOPOS

10
ano I - FEVEREIRO 07

Intuir o espaço

3,50€ P. Cont. 5,00€ España



Álvaro Leite Siza Vieira

Intuir o espaço

...à noite vagueio pelos espaços, antes de os ver materializados, percorro-os no meu imaginário e visualizo toda a diversidade de planos". Para reconhecer é necessário conhecer.

Nasceu no Porto em 1962. Estagiou com Eduardo Souto de Moura e colaborou com Álvaro Siza no concurso para um Museu de Arte Contemporânea em Helsínquia - Finlândia, em 1992. Licenciou-se em Arquitectura pela FAUP, em 1994. Participou numa exposição colectiva de mobiliário e design, Rondon Porto no Kunsthall Rotterdam-Museumpark, Roterdão, em 2000. Participou no concurso: "International Competition for a New Tomihiro Museum of Shi-Ga, Azuma Village", Japão, em 2001. Participação na Exposição Colectiva de Desenhos de concepção arquitectónica, Madrid. Nomeado para os awards Wallpaper 2007, na categoria de moradias unifamiliares. Esquissa o perfil de uma personalidade de gerações artísticas cuja sensibilidade explora a experiência contínua. A insaciável sede de fazer. Traços intuitivos, espaços como matéria e contextos de simplicidade natural.

"Tempo é o que me permite conhecer."



Foto: Rui Morales de Sousa

+A O ofício está presente desde sempre na sua vida, por via de seu pai. Apesar de ser uma presença constante, qual a sua primeira memória relacionada com a arquitectura?

ALSV A visita a obras em fase de construção, brincar nos caboucos a que chamava trincheiras; nesses tempos era mais económico construir em pedra do que em betão armado; ver as paredes crescerem, fecharem-se em tectos, as aberturas, etc. Sentia o fascínio de mexerem no terreno e colocar neste algo que nos abrigava, criava cenários imaginários que mudavam de dia para dia conforme a obra avançava. E depois os arranjos exteriores e a obra terminada.

Raramente visitei o atelier de São Lázaro. Frequentei assiduamente o atelier da Rua da Alegria porque ia nos intervalos da escola fazer desenhos, que depois os transformava em maquetas materializando os planos em volumes. Estas construções eram a ocupação do meu tempo livre. Havia o hábito na família da minha mãe de trazerem uns moldes de madeira de várias dimensões da fábrica de têxteis do meu trisavô na Praça da Galiza, para os filhos brincarem. O meu pai construía barcos em madeira e desenhava, também banda desenhada. Mas a minha mãe desenhava lindamente, assim como o meu avô materno e a minha tia Luísa que tirou o curso de Belas Artes. Tradições familiares que herdei.

+A A arquitectura não foi a primeira escolha?

ALSV Não. No liceu equacionei outras profissões, Oceanografia, Zoologia e Direito excluindo mesmo a profissão de arquitecto dos meus planos do futuro sendo ela parte integrante da minha infância e juventude. Como sempre desenhei ponderei tirar o curso de Pintura, mas se tirasse Arquitectura esta vertente estaria sempre presente na minha vida, assim como a minha paixão pelo construir. Estudei três anos na Cooperativa Árvore do Porto, fui aluno de Manuel Taíña no primeiro ano e no segundo de Gonçalo Byrne do qual guardo excelentes recordações no domínio crítico da Arquitectura. No início do terceiro ano decidi mudar para a FAUP, mas como não me deram equivalência voltei ao primeiro ano. Tive que refazer desenho e projecto, foi um bom exercício, a formação de desenho nunca é demais.

+A Então, foram oito anos de formação em arquitectura em vez de seis?

ALSV Sim. Fiz essa opção, o curso na FAUP era mais económico e prestigiante. Mais tarde percebi que não são as escolas que faziam os arquitectos e que se calhar não valia a pena ter mudado, mas foi uma experiência.

+A Quais são as suas referências arquitectónicas?

ALSV Durante a minha formação académica o Le Corbusier e o Frank Lloyd Wright foram as mais importantes. Visitei várias obras de Wright em Chicago, Oak Park. A percepção que temos dos espaços nas fotografia é redutora, dá-nos uma dimensão errada da realidade construída. Quando entrei naqueles espaços desenhados por Wright senti uma tensão espacial muito forte, o controle da escala e o domínio da luz torna a sua Arquitectura ímpar e intemporal. Também visitei algumas obras de Louis Kahn que me impressionaram.

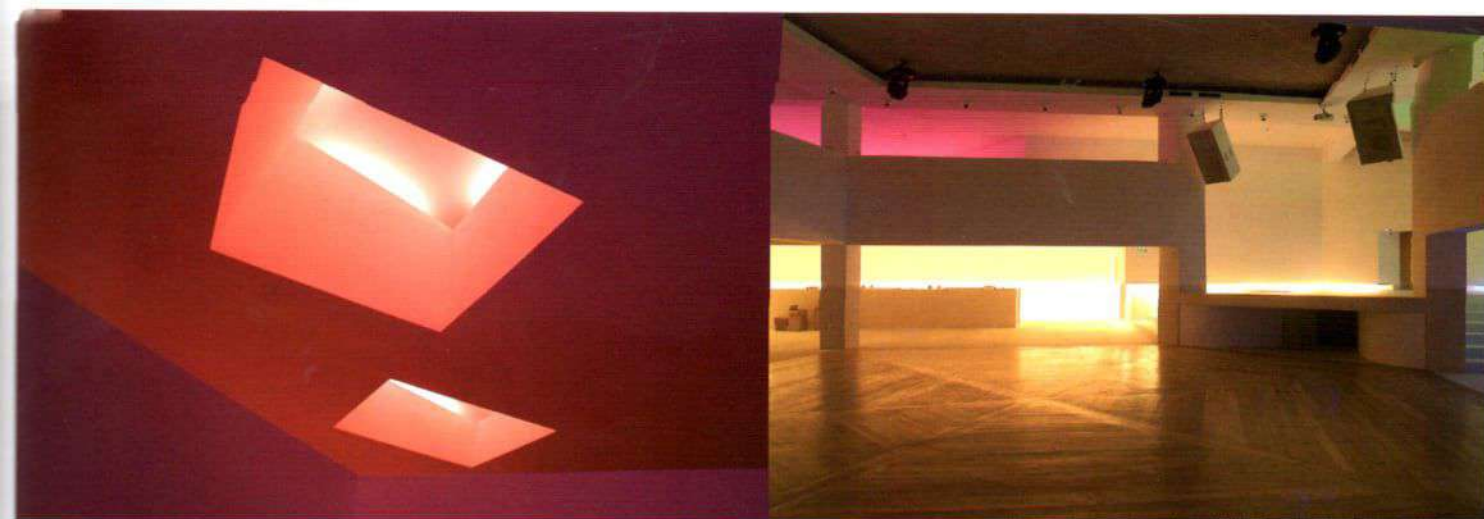
No início do exercício da profissão estudei os grandes autores internacionais, Josef Hoffman, Otto Wagner, Antoni Gaudi, Pierre Charreau, Adolf Loos, Mies Van Der Rohe, Walter Gropius, Alvar Aalto, Richard Neutra, Charles Eames... Mais tarde Frank Gehry, Peter Zumthor, Herzog & De Meuron e outros que encontraram uma linguagem autónoma e comunicam sentimento através desta disciplina.

Depois abstrai-me. Comecei a estar muito mais virado para dentro, os trabalhos absorviam-me e as respostas surgem nas condicionantes e no seu desenvolvimento.

+A Pesquisa em outras obras para obter respostas?

ALSV No início sim, e acabava por pesquisar nas obras do meu pai, é curioso. Porque além de poéticas são também obras carregadas de conhecimento e informação, resolvem muito bem os problemas. É preciso um rodapé e desenha-se. É preciso uma junta de dilatação faz-se, é preciso. Nesse sentido não é minimal, é puro e identifico-me com a linguagem. Cada trabalho é um tratado de Arquitectura, uma lição, está lá tudo.

Há muitos anos que acabo por desenvolver os projectos



Discoteca-Bar Restaurante Matosinhos, 1998 (Fotos: Álvaro Leite Siza Vieira)

Penso que estou mais ligado aos lugares do que às próprias pessoas.

pesquisando através do desenho, característica semelhante à do meu pai, mas os resultados são diferentes.

+A Herdou o modo de olhar?

ALSV Talvez, mas somos pessoas diferentes, crescemos em circunstâncias distintas e temos mundos interiores autónomos. A música, a figura humana e a natureza.

+A Para além das referências arquitectónicas, existem outras?

ALSV Existem, artistas plásticos, o Malevich, pai do modernismo, Expressionistas, e claro o Picasso, onde ainda hoje me inspiro.

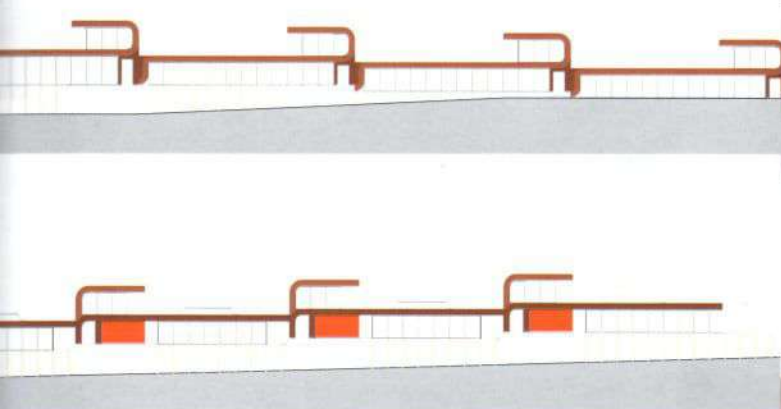
+A Qual é a importância do desenho?

ALSV Desde que tenho memória que desenho. Com dez anos já fazia coisas realistas e gostava muito de desenhar. Era um prazer muito grande e continua a ser, uma arma que me acompanha sempre quando parto para a concepção de um novo desafio.

+A É uma aptidão?

ALSV É uma tendência natural, uma sensibilidade inerente à pessoa e que deve ser desenvolvida durante o seu crescimento.

Quinta do Bom Sucesso em Óbidos, 2005 (Fotos: Álvaro Leite Siza Vieira)



+A E desenha com as memórias?

ALSV Também. O gesto exprime conhecimento perdido.

+A O que é o sentido do lugar para si?

ALSV O sentido do lugar tem uma força enorme. É quase doentio até. O lugar para mim é quase como uma presença humana, física. Penso que estou mais ligado aos lugares do que às próprias pessoas.

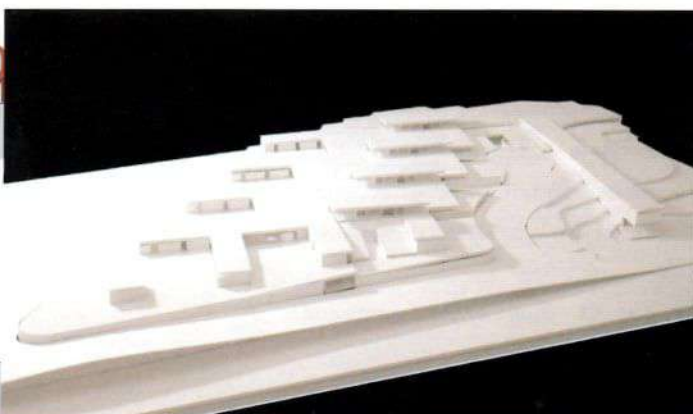
+A Como assim?

ALSV É como se o instinto maternal se transformasse no próprio espaço físico. É como se a segurança e a estabilidade se encontrasse dentro de um lugar. A estética, o belo e a harmonia têm influencia no nosso estado de espírito.

Não sou indiferente ao espaço que habito, logo é essencial que me identifique com o lugar, com a estética e com a história, as emoções que poderá despertar, surgem das características espaciais.

+A Como um arquitecto constrói lugares. Esse sentido de lugar ainda não tem memórias...?

ALSV Cresci em casa dos avós, uma obra de arquitectura de muita



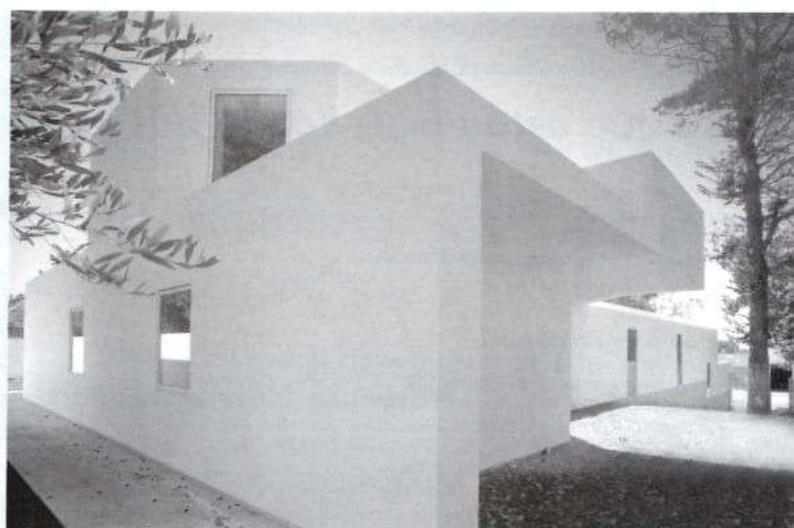
qualidade do final do século XIX, com escala muito específica, os pés direitos altos, as aberturas, as portadas, a relação entre espaços, as articulações, os planos, etc. Durante anos dizia, "não gosto de arquitectura moderna, adoro as casas antigas e é aqui que me sinto bem" e achava mágico, tinha passagens secretas, recantos e açosados e esse imaginário ficou, talvez por remeter a lugares identificados pelo subconsciente que ofereciam

conjunto de preocupações e necessidades operativas. O controlo da luz é primordial, define ambientes. Acredito nas regras enquanto elemento subversivo.

A qualidade é também definida pelos acontecimentos no espaço, a forma como os planos se articulam, as superfícies e as aberturas, as proporções e a escala, as orientações e os sentidos.

Para tudo funcionar em sintonia absoluta terá que ser visível no

É como se o instinto maternal se transformasse no próprio espaço físico. E como se a segurança e a estabilidade se encontrasse dentro de um lugar.



Casa Francisco Ramos Pinto, Vila Nova de Gaia, 2000 (Fotos: Álvaro Leite Siza Vieira)

protecção, que não é mais do que o objectivo de uma casa, dar protecção. A casa que estou a fazer agora, a minha própria habitação, tem o ambiente e a presença da casa romântica. Este elo surge naturalmente das minhas memórias.

+A Qual é o processo mais difícil, ser cliente de si mesmo ou ter um outro cliente?

ALSV A maioria dos arquitectos não tem coragem de construir a sua própria casa, talvez por ser preciso determinar as suas próprias condicionantes e por terem a liberdade de levar a pesquisa a extremos quase ao ponto de não terminar, afina-se indefinidamente. Por outro lado é fascinante para mim criar o meu próprio ambiente.

No que diz respeito a projectar para outros clientes o desenvolvimento do trabalho ganha outro tipo de condicionantes, o envolvimento de cada cliente é fundamental para nos tornar evidente o seu modo de vida. Por vezes, aparecem clientes especiais com sensibilidades que se identificam com o meu trabalho e o processo desenvolve-se com outra naturalidade.

+A O que entende quando se fala em qualidade arquitectónica?

ALSV Primeiro tem que funcionar, tem que responder a um

papel, ou seja, como aparece o vazio, que relações estabelece com os elementos construídos, que imagem produz para o exterior e como acontece no interior. Portanto a qualidade arquitectónica coloca-se na relação entre as partes e o modo como tudo é pensado e executado. Existem inúmeras linguagens e respostas distintas. Cada acontecimento dentro do objecto arquitectónico é produzido, por exemplo, numa aresta, uma mudança de plano, uma viragem na cobertura, uma abertura, etc. A forma como cada uma dessas coisas é feita, é claramente visível se é bem ou mal feita, se é feita de uma forma sensível ou não.

É importante também a consciência construtiva: estrutura adequada, impermeabilizações, comportamentos térmicos, luz artificial... Penso que a qualidade de um trabalho é directamente proporcional à capacidade de visualização tridimensional do seu autor, bem como os meios que utiliza para o seu melhor entendimento durante a metodologia de trabalho.

Mas esta actividade é multidisciplinar, é importante também a equipe constituída. Os engenheiros devem garantir qualidade construtiva e a empresa de construção, a correcta materialização das ideias representadas nos desenhos técnicos. Está também para mim associada à qualidade arquitectónica a capacidade de alguns autores se autonomizarem criativamente, sem negligenciar claro, todo o processo racional inerente, atrás referenciado.



Acredito nas regras enquanto elemento subversivo.

+A E se perdemos a escala humana já não é possível...

ALSV A escala humana é um elemento fulcral, a arquitectura é para nos servir, estabelece acontecimentos dimensionais que nos auto-referencia.

+A E a proporção é essencial?

ALSV Sim, assim como a escala. Por exemplo, podem existir várias escalas num só percurso em que esses espaços vão acontecendo sucessivamente, reveladora de uma intenção concreta do arquitecto. Para se controlar a proporção e escala o desenho ajuda mas não é suficiente. Ou seja, a geometria e a matemática ajudam a controlar os limites do espaço definindo-os através de como se relacionam e ordenam os elementos arquitectónicos para ganharem lógica. Começo a desenhar com o objectivo de encontrar o equilíbrio métrico continuo a pesquisa do desenho

rigoroso no estirador e só depois o desenvolvo no computador. Trabalho sempre com uma modelação métrica específica e as soluções estão assentes nessas regras que criei para cada trabalho. E a construção de maquetas confirma.

+A Considera as visitas ao espaço de autores consagrados importante para a formação do arquitecto?

ALSV Claro, sentir esses ambientes é fundamental para desenvolver a sensibilidade de cada pessoa.

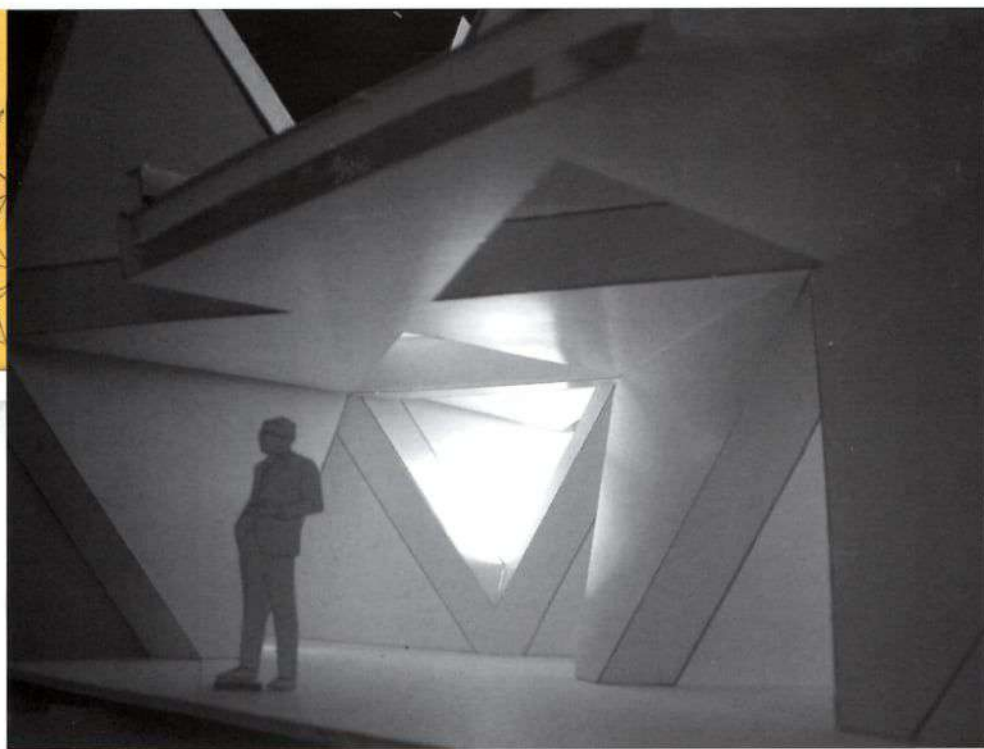
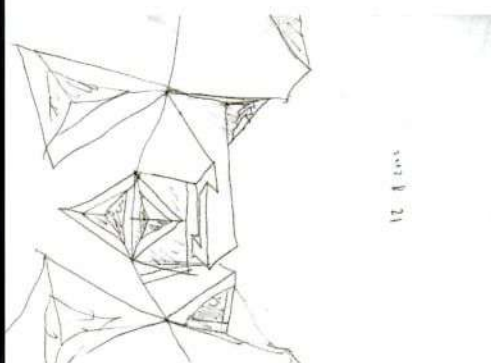
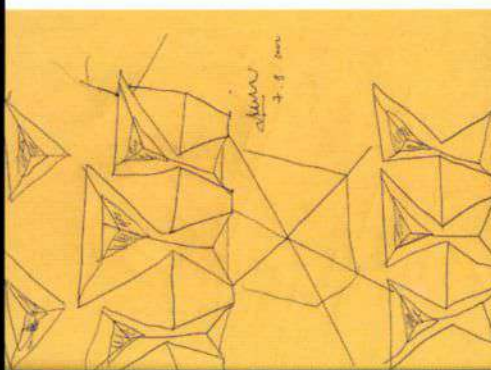
+A Constrói com matéria ou com material?

ALSV Construo com os espaços, com o vazio e com o espírito, são os limites que o organizam.

+A Para se construir tem que se destruir?

Salão de Festas da Quinta do Eirado, São Mamede Infesta, 1998 (2 fotos). Casa Leite Faria, Porto, 2001 (1 foto). Complexo Residencial da Maia. (Fotos: Álvaro Leite Siza Vieira)





Café Fractal, Polis, Vila do Conde, 2001 (Fotos: Álvaro Leite Siza Vieira)

Construo com os espaços, com o vazio e com o espírito, são os limites que o organizam.

ALSV Não diria destruir, mas transformar, um edifício pré-existente a natureza.

+A O que é o tempo?

ALSV O tempo é a essência da arquitectura.

+A E como é que revela o tempo?

ALSV Com mistério. O tempo na arquitectura é o que me vai proporcionar a compreensão do objecto e que me faz mergulhar nele. Tempo é o que permite conhecer.

+A E no sentido da perenidade das obras?

ALSV O tempo é fundamental para entender a qualidade do trabalho. "A peneira pena".

Tenho visto obras muito interessantes que só são reconhecidas muitos anos depois mesmo por críticos da arquitectura, mas os trabalhos que têm força são intemporais. Ultrapassam todas as épocas e mantêm-se sempre actuais.

Fala-se também na arqueologia da arquitectura, devolve marcas do tempo passado, o tempo permite também constatar as várias intervenções ao longo de diferentes épocas.

O tempo produz uma dinâmica permanente.

+A Nesse sentido a arquitectura é uma marca do tempo, no tempo?

ALSV Sim, embora existam obras completamente descontextualizados no espaço e no tempo.

+A Mas são essas que permitem avançar?

ALSV Sim! Quando são visionárias.

+A Qual a importância do imaginário no processo criativo e conceptual?

ALSV O meu processo criativo é de certa forma intuitivo.

A entrega ao trabalho e as condicionantes vão criando respostas às questões que vão surgindo. Quando parto para um novo trabalho tenho sempre inúmeras dúvidas, nunca sei o que vai acontecer. No final cada projecto assume uma identidade própria.

+A Parte sempre do zero?

ALSV Sim, procuro alicerçar-me às experiências que estava a desenvolver no trabalho anterior ou que ainda estão a decorrer. Mas depois mergulho intuitivamente e acabo por me libertar naturalmente.

Começamos a desenhar, a responder ao programa, a construir ideias e num determinado momento de obstinação, uma insatisfação latente faz-me pensar vinte e quatro horas por dia no projecto. Enquanto o projecto não está definido com a coerência e com a unidade que pretendo, não descanso. Existem muitos acontecimentos e milhares de coisas por resolver mas enquanto aquilo não está afinado é um desassossego! São períodos muito longos sem dormir. Constatro por exemplo que a sala não funciona, uma porta não está no lugar correcto do corredor, e este espaço não tem uma interacção com aquele. Tudo se relaciona com tudo, como acontece no corpo humano.

nada é gratuito. À noite vagueio pelos espaços, antes de os ver materializados, percorro-os no meu imaginário e visualizo toda a diversidade de planos.

Sou fiel às minhas convicções, sempre fui.

+A Os concursos não são uma opção?

ALSV Só concorri a um concurso em Portugal e fiquei esclarecido. Normalmente são concursos de ideias mas o júri não é receptivo a novas ideias.

Concorri a um concurso internacional "Museu Tomihiro" em Shi Ga no Japão, motivou-me também porque o júri era o arquitecto

+A A escolha de betão aparente na Casa Tólo foi uma opção económica?

ALSV A contenção económica foi determinante para esta escolha, mas esta não foi a única razão. A topografia do terreno é muito acentuada, esta matéria garante níveis de estabilidade elevados para responder a um projecto contínuo e estabilizado. A sua versatilidade plástica também teve importância para esta escolha.

Gosto dessa plasticidade, permite uma maior flexibilidade. Resolve uma série de problemas.

Exploro as suas texturas, permite-me novas abordagens ao

Somos pessoas diferentes, crescemos em circunstâncias distintas e temos mundos interiores autónomos.

Toyo Ito. O meu projecto foi finalista, mas os primeiros quatro lugares foram entregues a arquitectos japoneses.

Não vivo para prémios vivo para obras. Mas o reconhecimento do trabalho cria novas possibilidades de concretização das ideias.

+A A Casa Tólo enquanto objecto arquitectónico marca diferença?

ALSV Sente-se uma distância das tendências, mas não estou obcecado com a diferença, simplesmente estou distante.

lugar. A leitura artesanal do betão adequa-se ao espaço rural e à natureza, gosto de testar o seu processo de envelhecimento.

+A Acha que a arquitectura em Portugal está dividida, por consequência das Escolas?

ALSV Actualmente tudo está ligado, vivemos a globalização, as fronteiras geográficas já não existem e os arquitectos identificam-se por influência recíproca. +

Casa Tólo, Mondim de Bastos, 2005 (Foto: Fernando Guerra, FG+SG, Esquisso: Álvaro Leite Siza Vieira)

